



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**MILITANTES QUE LEEM UM JORNAL ANARQUISTA: ANÁLISE DE
UM RITO (SÃO PAULO, 1917-1935)**

Giulia Brunello*

Nesta comunicação queria propor uma analogia entre a leitura dos periódicos anarquistas editados em São Paulo nas primeiras décadas do século XX e o ritual de participação nas festas promovidas pelo movimento anarquista no mesmo meio social e cultural e na mesma época.

Existem muitos estudos sobre os periódicos anarquistas brasileiros. Algumas pesquisas põem em evidência as greves e mobilizações (Ferreira; Lopreato), as formas de participação e de ritualidade afora de sindicatos e associações de categoria, sobretudo festas de propaganda e teatro social (Vargas, Alves de Lima; Arnoni Prado; Foot Hardman), a relação entre a língua utilizada (o italiano durante muito tempo) e a formação do movimento anarquista (Biondi 1998; Felici). Outros estudos sublinham os elementos úteis para reconstruir a história da formação do movimento operário (Pinheiro, Hall); ou analisam o vocabulário e a iconografia (em primeiro lugar as alegorias) para compreender a divisão de gênero do movimento (Grossman; Fernandes; Martins), ou a relação entre literatura (contos e poesia) e propaganda (Leal), ou para esclarecer aspectos do imaginário anarquista, por exemplo o sentido da morte (Camargo) ou a representação do homem novo (Gonçalves). Outros trabalhos consideram os periódicos como testemunhos da

* PhD Candidate. Studi storici e storico-religiosi Università degli Studi di Padova (Itália) – Universidade de São Paulo – USP (Brasil)

história da emigração europeia (Biondi 1994; Trento) ou como sinais da presença do caráter transnacional do movimento anarquista (difusão e trocas de símbolos, datas significativas, mobilizações internacionais, textos, slogans).

Minha apresentação concorda com as pesquisas que chamam atenção para o imaginário e privilegiam a recepção do texto e, portanto, as várias modalidades de leitura do periódico, em vez da escrita. Contudo, minha proposta diferencia-se na medida em que não considera a leitura como um elemento da comunicação e da interpretação das mensagens, mas como um rito. Por isso, vou propor uma analogia entre a experiência da leitura do jornal e aquela da participação nas festas organizadas pelo movimento anarquista.

AS FESTAS

Um dos momentos que caracterizam a sociabilidade anarquista em São Paulo está constituído pelas festas, que se realizavam aos sábados, muitas vezes até a madrugada do domingo (a assim chamada *velada*). Alguns dias antes do evento, os principais periódicos anarquistas e anticlericais editados em São Paulo e no Rio de Janeiro (sobretudo *A Plebe*, *A Voz do Trabalhador*, *A Terra Livre*, *O Amigo do Povo*, *La Battaglia*, *La Barricata*) divulgavam o programa da festa, o horário e sala, o periódico responsável da organização, o título da obra encenada, o orador da conferência, e enfim, se haveria baile, sorteio ou leilões. Nos dias seguintes saíam crônicas e descrições, mas, sobretudo, o balancete das entradas e das saídas.

De algumas dezenas até centenas de pessoas participavam da festa: famílias inteiras – pais e filhos – que sentiam desse modo de tomar parte de uma comunidade e de compartilhar linguagem e ideologia. Essas festas pareciam encontros de amigos. Para participar, os homens pagavam um ingresso, enquanto as mulheres entravam de graça. Com os fundos os militantes financiavam periódicos ou escolas, ou forneciam assistência aos companheiros (e aos familiares) enfermos, detidos, expulsos.

Ao longo da noite, havia um esquema fixo, descrito com cuidado nos artigos dos periódicos. Geralmente, primeiro havia uma conferência de um personagem de prestígio do movimento, depois a declamação de poemas, muitas vezes por crianças, ou a leitura de um texto, depois a música, nem sempre de caráter político ou militante (o coro da ópera *Nabucco* por exemplo), mas sobretudo o teatro social; no intervalo vendiam-se

jornais, livros e flores; encerravam a festa o leilão, o sorteio e o baile, que envolvia a plateia toda, incluído os atores de teatro, mas não as crianças, que voltavam para casa.

As noites – chamadas nos primeiros tempos “festas”, e depois “festivais” para evidenciar o carácter de diversão e entretenimento (Foot Hardman, 38-43) – podem ser vistas como ritos sociais.

Muitos estudiosos observam que os rituais conferem “coesão ao grupo”, e geram solidariedade entre os membros (Muir, 9); nesses rituais os participantes compartilham histórias e experiências sobre eles e sobre a sociedade que almejam construir, formando identidades sociais e modelos de conduta.

Nas noites anarquistas o aspecto didascálico aparece muito relevante. Os discursos políticos possuem um papel central na organização da noite; a mesma coisa acontece com o teatro, que se propõe alvos educativos, assim como acontece nos movimentos socialistas¹.

Pretendemos evidenciar ainda que as noites anarquistas podem ser analisadas como rituais liminares, isto é, que afastam os iniciandos da estrutura social quotidiana, participam de uma performance e, transformados por ela, são reintegrados na vida quotidiana. Se a estrutura social é a realidade como ela é e, portanto, pertence ao modo indicativo, as noites anarquistas expressam a aspiração e a vontade de transformar o mundo, e portanto se aproximam ao modo conjuntivo da ação sociocultural. Assim que o ritual termina os participantes voltam à vida quotidiana, ou seja ao modo indicativo, mas transformados pela experiência liminar da esperança e da alternativa: por esta razão o ritual pode antecipar ou gerar a transformação (Turner, 149-150).

Utilizando as idênticas categorias interpretativas, é possível analisar a leitura de um periódico anarquista.

O PERIÓDICO

Um dos primeiros objetivos do movimento anarquista sempre foi o de fundar periódicos, considerados um dos instrumentos mais importantes para difundir o Ideal,

¹ Para o movimento anarquista vale, portanto, a afirmação que George Mosse fez acerca do movimento operário alemão do período depois da Primeira Guerra: os socialdemocratas alemães, escreve Mosse, “achavam que a consciência não deveria ser despertada mediante métodos litúrgicos, mas por meio de uma ativa obra de educação dos trabalhadores. Cf. Mosse, 245.

promover a emancipação dos indivíduos e sustentar as lutas sociais. A própria leitura era considerada um meio para quebrar as cadeias - utilizadas pelo o Estado, a burguesia e o clero - que prendiam o indivíduo².

Livros e Jornais eram conhecidos e discutidos em família e graças aos amigos, e tinham grande importância no processo de formação dos militantes. Elvira Boni lembra do meio libertário doméstico onde ela cresceu e do papel das leituras na sua própria educação política. Seu pai, Ângelo, aproximou-se ao anarquismo graças a amizade com dois sapateiros espanhóis e um italiano, com os quais discutia noites inteiras sobre artigos lidos nos jornais. Quando achava um artigo interessante de temática anticlerical, o pai lia o trecho para a mulher, que era uma católica praticamente, para aproximá-la às ideias anarquistas (Gomes, 22). Oreste Ristori, tipógrafo e fundador de jornais anarquistas, recebia visita de amigos, sobretudo jovens, e discutia com eles no quintal florido e perfumado da sua casa em São Paulo, num bairro popular. Ristori tinha uma audiência permanente e atenta, aconselhava títulos interessantes e era considerado um guia na leitura (Gattai, 206). Ele não apenas apontava livros anarquistas: sugeriu à Zélia Gattai, por exemplo, um romance do Jorge Amado, circunstância que permitiu o encontro e posterior casamento entre os dois. O jornalista Avelino Foscolo, anarquista mineiro (sua família dizia que ele era neto do poeta Ugo Foscolo), organizou um espaço de encontros e debates nos fundos da sua casa, além de uma pequena biblioteca, emprestando ou doando livros a amigos, companheiros, vizinhos ou usuários da farmácia (Duarte, 67). A difusão do jornal era feita em família e dentro de redes de relações nos lugares de trabalho e de vizinhança. As leituras aproximavam militantes de várias gerações. É significativo que nas festas, por exemplo, os jornais eram vendidos pelas crianças. Zélia Gattai lembra a competição na venda entre o grupo das meninas filhas de imigrados italianos e o grupo das meninas filhas de imigrados espanhóis, que se julgavam brasileiras, mas que eram advertidas como italianas e espanholas (Gattai, 170).

O espaço social de difusão dos jornais anarquistas era o meio da formação da classe operária, em grande parte constituída por famílias de imigrados europeus

² Um par de ilustrações publicados em *A Lanterna* demonstra o poder da leitura na libertação do homem. Na primeira imagem, pequenos homens, que representam o clero e a burguesia, seguram com cordas as mãos e os pés de um homem grande e forte com um livro na mão, que representa o Ideal libertário. O título dessa primeira parte diz que “todos se esforcem para manietá-lo: mas ele desenvolve-se, prepara-se e...”. Na segunda parte, o homem, sempre segurando o livro na mão, rompe as cadeias e manda embora quem estava ao seu redor. O título diz “dia virá em que, partindo todos os liames, triunfará, escorraçando os tiranos”. *A Lanterna*, n. 227 (24/1/1913). Cit. in Leal, 136.

(sobretudo de Itália e Espanha), formada por homens e mulheres (muitas fábricas utilizavam o trabalho feminino), e que já a partir da segunda geração adota a língua portuguesa considerando-se brasileira (Pinheiro, Hall).

Quem lia um jornal anarquista sentia-se parte desta comunidade, que compartilhava símbolos, língua e ideais. O jornal publicava os nomes dos assinantes para as famílias “vítimas das greves”, mensagens de apoio aos trabalhadores em luta nas várias cidades, apelos de financiamento para ajudar os companheiros detidos e suas famílias. Os deportados no terrível campo de detenção de Clevelândia procuravam difundir notícias sobre a situação no Oiapoque escrevendo cartas dirigidas aos companheiros, aos familiares e aos jornais, que as publicavam. Comprar o jornal, assiná-lo, lê-lo, financiá-lo e, ainda mais, difundi-lo, constituía um sinal de militância e uma maneira para professá-la publicamente. Aliás, os leitores levavam o jornal bem visível debaixo do braço ou no bolso do casaco, para serem reconhecidos: isso atraía novas relações, discussões e, finalmente, a possibilidade de difundir a propaganda. Os diálogos entre operários, publicados nos jornais anarquistas, começavam quando um deles levava um jornal: aí surge uma conversa, que pode acontecer nas ruas da cidade ou nos momentos de pausa nos lugares de trabalho, e que se torna pretexto para divulgar, explicar, e aprofundar teorias e casos de crônica.

Uma lista específica publicava no jornal os nomes dos leitores que compravam exemplares e que se empenhavam na distribuição entre os companheiros. Além da venda militante outro tipo de difusão, quando isso não era demasiado perigoso, era a venda nas ruas. Outra maneira para tornar o jornal um instrumento de propaganda, além de levá-lo à vista como mencionado, era o que sugeria *A Plebe*: deixar o exemplar lido no bonde.

Os militantes defendiam os jornais do risco de sequestro da imprensa, denúncias e detenção. O pai de Zélia Gattai, Ernesto Gattai, tinha muitos periódicos em casa, debaixo das almofadas, ou na sua oficina mecânica, que foram sequestrados nos anos trinta; sua mulher, dona Angelina, guardava com cuidado retalhos de jornais debaixo da cama, sobretudo a respeito do caso Sacco e Vanzetti (Gattai, 167-168). O irmão de Elvira Boni foi detido porque difundia o jornal *Espartacus* no Rio de Janeiro e, por causa disso foi despedido (Gomes, 35). Ou seja, o jornal era parte da identidade do militante. É muito provável que fotografias como aquela de 1920 que representa o anarquista carioca Amilcar dos Santos com *A Voz do Povo* na mão, junto com a mulher, os filhos, os sogros,

fosse bastante comum³. Com o mesmo periódico na mão – sempre no Rio de Janeiro em 1920 – outros quatro militantes anarcossindicalistas são fotografados no cenário silvestre da Floresta da Tijuca (Foot Hardman, 185).

A *Plebe*, “a mais famosa de todas as publicações libertárias” (Rago, 16), é um bom exemplo da estreita relação criada entre o jornal e o público. Fundado em 1917, *A Plebe* é editado – com interrupções por falta de recursos ou pela ação policial – até 1935.

No primeiro número seu redator, Edgard Leuenroth, convida os leitores do jornal anticlerical *A Lanterna*, fechado há pouco tempo, a apoiar o novo projeto. A publicação dos balancetes e das assinaturas encorajava o autorreconhecimento dos destinatários do jornal. Em último lugar, o jornal empenhava-se em manter um contato com cada um dos seus leitores, mediante avisos e recados publicados numa seção específica: os redatores pediam os endereços aos assinantes, agradeciam os colaboradores ou solicitavam contributos. A seção chamava-se de “Correio plebeu”: uma maneira para sublinhar a separação e a contraposição com o mundo burguês.

Lily Litvak, no que diz respeito o caso espanhol, sublinhou que os jornais anarquistas deixam muito espaço aos debates ideológicos e às recorrências históricas significativas para o movimento, enquanto dedicam pouco espaço à crônica, que amiúde tem a ver com lutas dos trabalhadores ou episódios de injustiça da sociedade burguesa (Litvak, 272-273). A mesma afirmação vale para a experiência brasileira; o jornal *A Plebe*, para continuar com o exemplo citado acima, é uma folha de caráter fortemente doutrinário onde a crônica, espalhada nas quatro páginas, cheia de palavras e com raras ilustrações, que nunca ocupa mais do que um quarto do periódico. A crônica inclui notícias sobre greves e mobilizações no Brasil e noutros países, atividades dos grupos anarquistas, programas das festas de propaganda; a assinatura e a correspondência com o leitor ajuda na formação do painel que descreve a realidade do movimento⁴. A última página era dedicada aos anúncios, dirigidos aos homens e às mulheres: abertura de escolas modernas ou livrarias, lançamento de livros, folhetos e jornais, anúncios de produtos comerciais (remédios, roupas, alimentos, produtos para agricultura ou criação de animais) ou de anúncios privados (eleticistas, médicos, ...).

³ Fotografia doada à autora pelos familiares do Amílcar dos Santos em 2012.

⁴ Na verdade, *A Plebe*, assim como *A Lanterna*, possui um amplo e rico material iconográfico, ao contrário dos periódicos de breve duração. Cf. Martins, 117-118.

Este caráter específico do jornal anarquista pode ser compreendido graças à analogia com as festas de propaganda. De facto, no jornal pode-se distinguir a esfera do indicativo da esfera do conjuntivo: enquanto o indicativo das crônicas descreve o mundo assim como ele é, o conjuntivo das opiniões e das discussões exprime o possível, o desejo, a alternativa, a vontade, as aspirações, o porvir. Porém, assim como nas noites de festa, também no jornal é difícil separar com clareza uma notícia de crônica de uma discussão teórica, porque os dois gêneros se misturam entre eles: uma notícia sobre a guerra na Europa, sobre a despedida dos operários numa fábrica, sobre o desaparecimento de uma menina do orfanato religioso ou ainda sobre o andamento de uma greve em São Paulo, torna-se uma discussão acerca do militarismo, do Estado, do clericalismo, da burguesia, para tornar-se finalmente apelo à luta e afirmação de fé no triunfo final. O valor dos debates ideológicos revela, portanto, de um lado a importância da transformação social e de outro deixa entrever o sentimento experimentado na percepção do tempo presente em relação com o passado e com o futuro.

Vamos tomar, por exemplo, um esquema de discurso sobre a primeira guerra mundial. O mundo, que se funda na opressão e nas guerras, é decrépito e em contínuo esfacelamento; os anarquistas, graças as aspirações, pertencem ao mundo que há de vir; a guerra é o resultado do capitalismo e do militarismo promovidos pelos governos e pelos grupos financeiros, incluído o Brasil que entrou em guerra em 1917, cujos governadores e classes privilegiadas exploram o sentimento nacional do povo enviado à matança para os próprios objetivos; muitas pessoas que hoje nos chamam de loucos, sonhadores ou bandidos, amanhã estarão com certeza ao nosso lado; não acreditamos nas invocações de paz feitas pelos Estado e pelas classes privilegiadas, e afirmamos portanto a nossa aversão à guerra⁵.

O mesmo esquema encontra-se nesse outro exemplo, dos discursos de denúncia da influência clerical na sociedade. De 1909 a 1912 os jornais anarquistas, mas não apenas, acompanham com atenção a crônica sobre o “Caso Idalina”: uma menina deixada no orfanato Cristovão Colombo e desaparecida de modo misterioso. Foi um escândalo. Segundo os jornais anarquistas, o estupro praticado pelos padres católicos era um ato horrível, que indignava, mas, sobretudo, demonstrava as terríveis consequências da instrução religiosa, da disciplina clerical e da imposição do celibato. As imputações

⁵ “A intervenção do Brasil na guerra. A Alliança Anarchista ao Povo”, *A Plebe*, I, n. 3 (23/6/1917).

podiam ser verdadeiras ou não, isso não era importante, porque o juízo acerca da atitude dos padres não seria diferente. Aliás, não é suficiente denunciar os efeitos; é preciso também combater as causas e difundir boas ideias. Em um sistema social onde cada família terá a possibilidade de viver na maneira certa e de educar os filhos, este tipo de incidente – e a prostituição em geral – se tornaria rara exceção ou desapareceria.

Os padres, que constituem uma das maiores classes parasitárias mantidas pela propriedade privada, reforçam o próprio poder através do medo do Paraíso e do Inferno, e assim continuam cometendo crimes, enquanto que numa sociedade de iguais eles não existiriam, ao par dos exércitos e dos militares. Razão de todos os males – neste caso a igreja católica e a influência clerical – tem que ser denunciada para ser destruída: somente assim poderiam desaparecer os efeitos negativos⁶.

Terceiro exemplo é um dos vários poemas publicados na *Plebe*: uma breve composição poética que o companheiro Domingos Braz, anarquista deportado no campo de detenção de Clevelândia, escreveu em 1925 e que a redação publicou em 1927, cujo título é “No silêncio das selvas...”. A primeira estrofe descreve através do presente indicativo o sítio e a condição da detenção, um lugar onde “a malária impera”, “uma angustia ferina e troz desaspera”, e “a vida se vai”. As imagens da segunda estrofe já demonstram uma força rebelde que nem a natureza pode apagar: aliás, no meio da floresta, a Razão e “a vegetação com os seus frutos” vão florindo. Na terceira estrofe o autor declara em primeira pessoa o seu papel no tempo presente e no porvir: “prosseguirei na luta heróica”. No final o tempo presente do “sol da redenção” desaparece e transforma-se no futuro do porvir: o sol que se divisa “um passo marcará na evolução humana”, na medida em que esse é o sol da liberdade, o sol da Anarquia. Desta maneira, quem lê o poema no jornal reflete acerca de um caso de injustiça social, compartilha a dor, solidariza para com as vítimas e insurge; o leitor toma assim parte duma esperança coletiva e universal em nome da Razão e da Anarquia⁷.

Em São Paulo a componente majoritária do movimento anarquista foi o anarcossindicalismo. Os militantes cuidavam, portanto, muito das condições de vida e de trabalho dos trabalhadores e das trabalhadoras, avaliando os alvos das mobilizações e das

⁶ Solargeo Livre, “Mais un escandalo clerical?”, *Germinal. Jornal anarquista*, I, n. 2 (23/3/1913).

⁷ Domingos Braz, “No silencio das selvas...”, *A Plebe*, XI, n. 245 (12/2/1927).

greves e promovendo organizações e redes de solidariedade. Esse foco na realidade e nas lutas operárias é bastante visível nas crônicas dos jornais.

À semelhança da festa de propaganda, o jornal anarquista conta aos leitores histórias sobre eles e a sociedade que almejam construir, oferecendo uma imagem na qual eles se reconhecem, e indicando ações práticas a fazer. Mediante a representação da exploração e da opressão, o jornal convida o leitor para encontrar aí a própria experiência pessoal e, ao mesmo tempo, induz o leitor à rebeldia. O modo indicativo das crônicas nos jornais anarquistas, não pode ser pensado sem o modo conjuntivo da militância e da mudança revolucionária. Como já se falou, ao narrar uma experiência, o jornal indica (ou melhor, ensina, com seu caráter pedagógico) como interpretá-la e como transformá-la. O modo conjuntivo permite intuir por outras palavras o sentimento com o qual os militantes liam o indicativo da experiência cotidiana.

No jornal anarquista, o presente é um tempo onde o passado de opressão cruza o futuro de igualdade, quer dizer, onde o passado ainda pesa sobre a humanidade, mas está destinado em desvanecer num futuro de justiça e de liberdade. A realidade do presente é ao mesmo tempo necessidade e obrigação, um tempo onde a experiência da exploração está misturada com a esperança e a mobilização: esses sentimentos exprimem-se por meio do conjunto entre modo indicativo e modo conjuntivo.

O propósito do militante é confrontar o passado com as pretensões acerca da sociedade e do tempo. É assim que o modo conjuntivo, ou seja a vontade e o desejo de transformar a realidade, confunde-se com o tempo verbal do futuro, ou seja com o porvir.

Por fim, retomando a analogia com as noites de propaganda, a leitura do jornal anarquista é uma experiência liminar entre um tempo que já foi e um tempo que ainda não chegou. Graças à leitura do jornal o militante tomava conhecimento de lutas conduzidas não apenas em São Paulo, no Brasil e nas comunidades operárias e anarquistas na Argentina e no Uruguay, mas também nos Estados Unidos e na Europa: compartilhava símbolos e alvos, celebrava as idênticas recorrências (Primeiro de Maio, a memória dos Mártires de Chicago), e participava de campanhas comuns de denúncia (por exemplo, em apoio a Sacco e Vanzetti).

Em conclusão, a leitura do jornal configura-se como um momento no qual o leitor se separa do presente para ser reintegrado com uma nova consciência; momento no qual o leitor é separado da realidade constituída de indivíduos isolados um dos outros

para ser reintegrado numa comunidade transnacional baseada na solidariedade e em ideais comuns.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

Arnoni Prado, Antonio (org.), *Libertários no Brasil. Memórias. Lutas. Cultura*, São Paulo: Brasiliense, 1986.

Beiguelman, Paula, *Os companheiros de São Paulo*, São Paulo: Edição Símbolo, 1977.

Biondi, Luigi, *La stampa anarchica italiana in Brasile 1904-1915*, Roma: Università la Sapienza, 1994.

Id., “Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista *La Battaglia* e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos”, *Cadernos AEL*, v. 5, n. 8-9 (1998), IFCH, Campinas, pp. 117-149.

Bravo, Rodolfo Augusto de Conto, *Caminhos libertários e partilhas culturais: o jornal La Battaglia e a formação da intelectualidade anarquista*, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007.

Camargo, Daisy de, *O teatro do medo: a encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe (1917-1951)*, São Paulo: PUC, 1998.

Gomes, Angela de Castro, *Velhos militantes. Depoimentos*, Zahar Editor, 1988.

Duarte, Regina Horta, *A imagem rebelde. A Trajetória libertária de Avelino Foscolo*, Campinas: Pontes, 1991.

Durkheim, Émile, *As formas elementares da vida religiosa*, São Paulo: Edições Paulinas, 1989 (ed. original 1912).

Felici, Isabelle, *Gli anarchici italiani di San Paolo*, in *La Riscoperta delle americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina 1870-1970*, Blengino, Vanni, Franzina, Emilio, Pepe, Adolfo (org.), Milano: Teti, 1994.

Fernandes, Marisa, *Sob os focos d'A Lanterna. A mulher na imprensa anticlerical de 1909 a 1916*, São Paulo: Usp, 1997.

Ferreira, Maria Nazareth, *A imprensa operária no Brasil (1880-1920)*, Petrópolis: Vozes, 1978.

Foot Hardman, Francisco, *Nem Pátria Nem Patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1983.

Frankiw, Carlos Eduardo de Andrade, *Blásfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades na Campanha anarquista em A Lanterna (1909-1916)*, São Pau: USP, 2009.

Gattai, Zélia, *Anarquistas, graças a Deus*, Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

Gennep, Arnold van, *Os ritos de passagem*, Petrópolis: Vozes, 2009 (ed. original 1909).

Gonçalves, Ody Furtado, *A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal A Plebe*, São Paulo: PUC, 2002.

Grossman, Hadassa, *La femme du secteur ouvrier au Brésil, 1889-1922*, Nanterre: Université de Paris X, 1992.

Leal, Claudia Feierabend Baeta, *Anarquismo em verso e prosa. Literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*, Campinas: Unicamp, 1999.

Litvak, Lily, *Espana 1900: Modernismo, anarquismo y sin de siecle*, Barcelona: Anthropos, 1990.

Lopreato, Christina da Silva Roquette, *A semana trágica: a greve geral anarquista de 1917*, São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

Ead., *O espírito da revolta. A greve geral anarquista de 1917*, São Paulo: AnnaBlume, 2000.

Martins, Angela Maria Roberti, *Pelas páginas libertárias. Anarquismo, imagens e representações*, São Paulo: PUC, 2006.

Ead., *O segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias*, in *História do Anarquismo no Brasil*, v. II, Addor, Carlos Eduardo (org.), Rio de Janeiro: Achiamé, 2009, pp. 119-163.

Mosse, George, *La nazionalizzazione delle masse. Simbolismo politico e movimenti di massa in Germania (1815-1933)*, Bologna: Il Mulino, 1975 (ed. original 1975).

Muir, Edward, *Riti e rituali nell'Europa Moderna*, La Nuova Italia, 2000 (ed. original 1997).

Pinheiro, Paulo Sérgio, Hall, Michael, *A classe operária no Brasil – Documentos (1899-1903)*, v. I, *O movimento operário*, São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

Rago, Margareth, *Do cabaré ao lar. A Utopia da cidade disciplinar*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Toledo, Edilene Teresinha, “Em torno do jornal O amigo do povo. Os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século”, *Cadernos AEL*, v. 5, n. 8-9 (1998), IFCH, Campinas, pp. 89-113.

Trento, Angelo, *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*, São Paulo: Studio Nobel, 1989.

Turner, Victor, *Dal rito al teatro*, Bologna: Il Mulino, 1986 (ed. original 1982).

Vargas, Maria Thereza, Alves, Maria de Lima, *O Teatro Operário na Cidade de São Paulo*, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

